

DIOCESE DE PALMAS-FRANCISCO
BELTRÃO

DIRETÓRIO DO SACRAMENTO DA
UNÇÃO DOS ENFERMOS

2019

Sumário

| | |
|---|----------|
| Lista de siglas..... | 3 |
| Introdução..... | 4 |
| I - Fundamentação Bíblica | 4 |
| II - Dimensões Teológico-Doutrinais | 5 |
| III - Aspectos Canônicos | 6 |
| IV - Diretrizes Pastorais | 7 |
| V - A Celebração..... | 8 |
| VI – Vivência | 8 |

Lista de siglas

CaIC – Catecismo da Igreja Católica

CIC – Código de Direito Canônico

LG – *Lumen Gentium*, Constituição Dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II

SC – *Sacrosanctum Concilium*, Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia (1963)

INTRODUÇÃO

Para cumprir diligentemente seu ofício de pastor, o presbítero se esforce para conhecer os fiéis entregues aos seus cuidados. Ajude com exuberante caridade os pobres, os enfermos, sobretudo os moribundos, confortando-os solícitamente com os sacramentos e recomendando suas almas a Deus (cf. cân. 529, §1). Procurem organizar a Pastoral da Saúde para um zeloso atendimento aos enfermos e idosos por meio de agentes idôneos, que possam assumir um trabalho pastoral sistemático e contínuo dos enfermos, nas casas, asilos e hospitais.

I – FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA

Na visão bíblica, o ser humano é apresentado como uma unidade viva. A doença, porém, rompe essa unidade, levando a consciência a perceber o corpo como um “outro”, independente, rebelde, opressor.

A criação é a primeira intervenção de Deus em vista da Aliança com a humanidade. Criado à imagem de Deus (Gn 1,26), o homem e a mulher recebem a bênção de Deus e a missão de desenvolver as coisas criadas, servindo-se delas para a glória de Deus e o bem-estar da humanidade. O dom da vida implica a responsabilidade de viver, reconhecendo e querendo a vida: “Não matarás!” (Ex 20,13).

Como todos os demais males humanos, a doença contraria a intenção profunda de Deus, que criou o homem para a felicidade (cf. Gn 2). Mesmo tendo um sentido, a doença continua sendo um mal. Ela deve ser abolida na aparição dos tempos escatológicos (cf. Is 35,5-6; 57,18-19; 61,1-2; 65,19; Jr 30,17; 33,6), quando a cura se tornar sinal da salvação perfeita e completa.

Na plenitude dos tempos, Jesus se depara com a doença, compadece-se (cf. Mt 20,34) e, diante da fé (cf. Mt 9,28; Mc 5,36; 9,23), cura. Assim relata a Escritura: “Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos... E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades” (Mc 1,32-34). Os discípulos são enviados a curar: “E curavam muitos enfermos, ungindo-os com óleo” (Mc 6,13). “Quando impuserem as mãos sobre os enfermos, eles ficarão curados” (Mc 16,18).

Não ignoramos o amor de Jesus pelos enfermos. Sua compaixão para com os enfermos e as numerosas curas de todo tipo eram um sinal evidente da proximidade do Reino de Deus. Cura o paralítico e lhe perdoa os pecados: ele veio para restabelecer o homem inteiro, corpo e alma. Ele é o médico por excelência de que necessitam os doentes. Sua compaixão para com os que sofrem o leva a identificar-se com eles: “Estive doente e me visitastes” (Mt 25,36).

Jesus convida seus discípulos a segui-lo. Desta forma, eles adquirem também uma nova visão da enfermidade e dos doentes. Jesus os associa à sua vida pobre e servidora. Faz com que participem de seu ministério de compaixão e de cura: “Ungiam com óleo numerosos doentes e os curavam” (Mc 6,13).

São Tiago recomenda: “Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja, para que orem sobre ele, ungindo-o com óleo no nome do Senhor. A oração feita com fé salvará o doente e o Senhor o levantará. E se tiver cometido pecados, receberá o perdão” (Tg 5,14-15). Neste texto, o Apóstolo não afirma nenhuma novidade para seus leitores. Escreve como quem se refere a um costume então em voga.

Mas para nós é um texto revelador. Mostra que já naquele primeiro século da vida cristã havia especial preocupação com os enfermos. A Tradição reconheceu nesta recomendação apostólica um dos sete sacramentos da Igreja.

A Igreja, ao cuidar dos doentes, serve ao próprio Cristo nos membros enfermos do corpo místico e, ao seguir o exemplo do Senhor Jesus, que “passou fazendo o bem e curando a todos” (At 10,38), obedece ao seu mandamento de cuidar dos enfermos (cf. Mc 6,13; 16,18).

Os Evangelhos e, sobretudo, o Sacramento da Unção mostram claramente a solicitude corporal e espiritual do Senhor para com os doentes. Instituído por Ele e promulgado na Epístola de S. Tiago, logo se introduziu na Igreja o costume de o celebrar, por meio da unção e da oração dos presbíteros pelos doentes, recomendando-os ao Senhor padecente e glorificado para que Ele os alivie e salve (cf. Tg 5, 14-16) e ainda exortando-os a que se associem livremente à paixão e morte de Cristo (Rm 8,1) e assim contribuam para o bem do povo de Deus.

II - DIMENSÕES TEOLÓGICO-DOCTRINAIS

O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que “A graça especial do sacramento da Unção dos Enfermos tem como efeitos: a) a união do enfermo com a paixão de Cristo, para seu bem e o bem de toda a Igreja; b) reconforto, paz e coragem para suportar cristãmente os sofrimentos da doença ou da velhice; c) perdão dos pecados, se o enfermo não pode obtê-lo pelo sacramento da Penitência; d) restabelecimento da saúde, se isso convier à salvação espiritual; e) a preparação para a passagem à vida eterna” (CaIC, 1532).

2.1 - Dimensão Teológica

A Igreja recebeu do Senhor o mandato de curar os enfermos (cf. Mt 10,8). Esta missão é cumprida pelo cuidado aos enfermos realizado pelas ações pastorais da comunidade católica: Pastoral da Pessoa Idosa, Pastoral da Saúde, Lar de Idosos, Hospitais e casas de apoio. No entanto, é levada a termo, principalmente, pela oração de intercessão da Igreja em favor dos doentes (cf. CaIC, 1509).

A Unção dos Enfermos é um dos sacramentos instituídos por Cristo Senhor. O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* afirma que “Pela sagrada Unção dos Enfermos e pela oração dos presbíteros, a Igreja toda entrega os doentes aos cuidados do Senhor, sofredor e glorificado, para que os alivie e salve. Exorta-os a que livremente se associem à paixão e à morte de Cristo e contribuam para o bem do povo de Deus” (LG, 11).

“Pela graça deste sacramento o enfermo recebe a força e o dom de unir-se, mais intimamente, à paixão de Cristo: de certa forma ele é consagrado para produzir fruto pela configuração à paixão redentora do Salvador” (CaIC, 1521). Unindo sua dor e sua enfermidade à cruz do Senhor, o fiel enfermo completa em sua carne a paixão de Cristo, unindo seu sofrimento ao do Crucificado pela própria salvação e da humanidade (cf. Cl 1,24).

Um dom do Espírito Santo. “O principal dom deste sacramento é uma graça de reconforto, de paz e de coragem para vencer as dificuldades próprias do estado de enfermidade grave ou da fragilidade da velhice. Esta graça é um dom do Espírito Santo, que renova a confiança e a fé em Deus e fortalece contra as tentações do maligno, isto é,

contra as tentações de desânimo e de angústia diante da morte. Esta assistência do Senhor pela força de seu Espírito quer levar o enfermo à cura da alma, mas também à do corpo, se for esta a vontade de Deus” (CaIC, 1520).

2.2 - Dimensão Eclesial

Conforme esclarece a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, a Unção dos Enfermos é ministrada pelo sacerdote da Igreja, preparada pela comunidade eclesial e celebrada na unidade do Corpo de Cristo (cf. SC, 73-76).

“Creio na comunhão dos santos”: pela graça batismal, todos os cristãos se tornam um único Corpo em Cristo (cf. CaIC, 1267), unidos na fé, nos sacramentos, nos carismas e na caridade, de modo que “se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele” (1Cor 12,26). “Ao celebrar este sacramento, a Igreja, na comunhão dos santos, intercede pelo bem do enfermo. O enfermo, por sua vez, pela graça deste sacramento, contribui para a santificação da Igreja e para o bem de todos os homens, pelos quais a Igreja sofre e se oferece, por Cristo, a Deus Pai” (CaIC, 1522).

2.3 - Dimensão Escatológica

Tendo diante de si a realidade da morte, o cristão deve se preparar para este momento de passagem. “O cristão, que une sua própria morte à de Jesus, vê a morte como um caminhar ao seu encontro e uma entrada na Vida Eterna” (CaIC, 1020). “A Unção dos Enfermos completa nossa conformação com a morte e ressurreição de Cristo. (...) Esta derradeira unção fortalece o fim de nossa vida terrestre, como com uma inexpugnável fortaleza, a fim de enfrentarmos as últimas lutas, antes da entrada na casa do Pai” (CaIC, 1523).

III – ASPECTOS CANÔNICOS

- a. O **ministro** da Unção dos Enfermos é "todo sacerdote e somente ele"(cân. 1003, §1). Diferencie-se precisamente a celebração sacramental da Unção dos Enfermos ministrada pelo sacerdote da visita de conforto, de oração e de comunhão sacramental realizada pelos ministros e pelas pastorais.
- b. Para a recepção válida da Unção dos Enfermos, requer-se que o sujeito seja batizado, tenha atingido o uso da razão, possua a devida intenção e comece "a estar em perigo, por doença ou velhice (cf. cân. 1004, §1). O legislador procura indicar com precisão as pessoas que podem receber este sacramento.
- c. Para a liceidade da Unção, exige-se, como norma geral, que o fiel a ser ungido seja membro da Igreja Católica.
- d. Em relação aos dementes, se alguma vez foram capazes de raciocinar e querer livremente, devem ser ungidos, pelo menos condicionalmente. Em caso de dúvida, administra-se o sacramento (cf. cân. 1005).
- e. Pode-se conferir a Sagrada Unção às pessoas de idade, cujas forças se encontrem sensivelmente debilitadas, mesmo que não se trate de grave enfermidade. O cân. 1004§2 estabelece critérios para uma possível repetição desse sacramento. Administrar a unção indiscriminadamente parece uma deformação do pensamento do legislador.

- f. A administração individual, conforme o cân. 1000, continua sendo o modo ordinário desse sacramento. Nos tempos fortes, durante o ano, especialmente na Quaresma, Advento, ou alguma ocasião especial, celebre-se na comunidade a Missa dos enfermos, oferecendo a possibilidade da recepção do Sacramento da Unção dos Enfermos aos que o desejarem, segundo as exigências canônicas. Tome-se cuidado para que essa prática não obscureça o cuidado pastoral contínuo dos doentes.

IV - DIRETRIZES PASTORAIS

- a. O sacerdote deve **visitar os enfermos** que não for possível trazer à Igreja, administrando-lhes Confissão, Eucaristia e, se ainda não a receberam, a Unção dos Enfermos.
- b. Antes de uma cirurgia, sempre que uma doença grave seja a causa da intervenção, pode ser dada ao enfermo a Unção dos Enfermos.
- c. Pode-se também conferir a Sagrada Unção às crianças, desde que tenham atingido o uso da razão e encontrem-se em perigo de morte ou por motivo de doença grave;
- d. Informar o povo que deve e pode chamar o padre em qualquer hora do dia e da noite em caso de doença imprevista e grave, também quando o enfermo se encontre hospitalizado;
- e. Em caso de enfermidade sem risco de morte, a Igreja recomenda a bênção dos enfermos (sem unção) disponível no Ritual de Bênçãos (Edição Típica para o Brasil, Paulus, 2015, n. 290-320). A bênção dos enfermos pode ser invocada, também, por ministros leigos. Cuide-se, diligentemente, para que esta bênção não se confunda com o Sacramento da Unção dos Enfermos.
- f. Distinga-se claramente o óleo dos enfermos bento para a celebração da Unção dos Enfermos da bênção de azeite por motivo devocional (bênção de alimentos do Ritual de Bênçãos, n. 1139-1161).

4.1 - Pastoral da Saúde

- a. Cada Paróquia organize **equipe encarregada da Pastoral da Saúde** que possa dinamizar as várias atividades deste serviço: evangelização, catequese, liturgia e promoção humana.
- b. A Pastoral da Saúde é chamada a atuar em três dimensões:
- Dimensão solidária, pela qual os agentes se preocupam com as visitas domiciliares e hospitalares, acompanhando os enfermos para que recebam os sacramentos da Confissão, Eucaristia e Unção dos Enfermos;
 - Dimensão comunitária, na linha da prevenção de doenças e da promoção humana;
 - Dimensão político-institucional, na linha das pastorais sociais, pela qual os agentes são convocados a atuar nos conselhos gestores da saúde.
- c. Os fiéis comuniquem ao pároco a existência de enfermos e de pessoas idosas (parentes, amigos ou vizinhos), nos hospitais e nas casas, para que sejam assistidos e confortados religiosamente.
- d. A Pastoral da Saúde esteja atenta às atividades propostas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), tais como: Dia Mundial dos Enfermos (11 de fevereiro) b) Dia Mundial da Saúde (7 de abril) c) Dia Nacional da Saúde (5 de agosto) d) Outras datas e comemorações ligadas aos agentes de saúde.

4.2 - Ministros Auxiliares da Comunidade

- a. Os Ministros Auxiliares das Comunidades devem oferecer a Eucaristia aos enfermos, possivelmente uma vez por semana, se o sacerdote não pode fazê-lo porque a Paróquia é vasta e os enfermos são muitos.
- b. Convém que os Ministros Auxiliares da Comunidade, nas suas visitas aos enfermos, possam prepará-los, bem como a sua família, para a verdadeira natureza e necessidade do Sacramento da Unção dos Enfermos.

V - A CELEBRAÇÃO

- a. Normalmente, a unção é precedida por uma breve Celebração da Palavra. O núcleo do rito sacramental é a unção na fronte e nas mãos do enfermo, acompanhada da oração: **“Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos”**.
- b. O óleo usado deve ser bento pelo bispo:
 - Em caso de necessidade, o presbítero que administra o sacramento pode benzer o óleo, mas isto só no ato da Celebração do Sacramento (cf. cân. 999);
 - O óleo bento deve ser usado exclusivamente na celebração do Sacramento da Unção dos Enfermos;
 - Ninguém deve ungir enfermos por mera devoção.
- c. A unção dos enfermos pode ser celebrada dentro da missa, com a permissão do bispo local, e dentro ou fora da missa em grande concentração de fiéis, como acontece em celebrações para enfermos ou em lugares de peregrinação.
- d. Para a administração comunitária do Sacramento da Unção (cân. 1002), para um grande número de pessoas, em peregrinações, em celebrações, em hospitais, asilos ou paróquias, haja uma adequada preparação e reta disposição dos enfermos que não estão necessariamente acamados.
- e. Não associar a Unção dos Enfermos com “o sacramento para aqueles que se encontram às portas da morte”, como já muitas vezes foi confundido chamando-o “Extrema Unção”. Evidenciar, portanto, pelas celebrações, que se trata do sacramento da esperança e não do desespero ou do desenlace final.
- f. Evitar, na celebração do sacramento, toda e qualquer ideia ou aparência de superstição ou rito mágico.

VI – VIVÊNCIA

Procure-se vivenciar o sacramento da Unção dos Enfermos como graça específica de um estado ou fase da vida. Valorize-se o serviço da Pastoral da Saúde, dos Ministros Auxiliares da Comunidades, Apostolado da Oração e outros agentes que se dedicam a visitar e acompanhar os doentes em suas casas e hospitais.

Incentivar os cristãos enfermos, anciãos e os que se submeterão a uma cirurgia grave a solicitar a Unção dos Enfermos.